

Reflexões epistemológicas acerca da dispersão e exogenia em estudos de comunicação¹

Luiz Eduardo KRUGER²
Luiz Antônio SIGNATES³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O texto buscou refletir sobre os principais vícios identificados nas pesquisas de comunicação - dispersão e exogenia - a partir da indefinição do objeto de estudo da comunicação, a consequente falta de unidade em torno de seu estatuto, e o movimento de busca pelo especificamente comunicacional (Signates, 2019). A partir das análises de estudos recentes em comunicação, buscou-se realizar um esforço metateórico das maneiras pelas quais esses desvios podem ser evitados. Por fim, ressalta-se a importância dessas reflexões na construção do campo epistemológico da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia da comunicação, processos midiáticos; pesquisa em comunicação.

INTRODUÇÃO

Há uma ideia que o campo da comunicação é interdisciplinar por natureza – conceito devidamente recusado por Braga (2011), por considerá-lo óbvio e redundante, portanto, ocioso. Percebemos também o argumento de que sua natureza se manifesta menos como saber conceitual, acadêmico e mais como um saber prático, ligado à produção de serviços (Pavan, 2011). Sua compreensão parece óbvia e até mesmo o senso comum pode ser capaz de compreender empiricamente o que é comunicação, afinal, pessoas se comunicam constantemente.

No nível acadêmico, existe uma estrutura formal e institucionalizada de formação na área com diversos cursos de graduação e programas de pós-graduação *stricto sensu*, o que caracteriza, para além da dúvida razoável, um campo (Signates, 2019). Estamos diante, portanto, de uma contradição: se o senso comum é capaz de vivenciar empiricamente a comunicação e a academia está organizada em torno do campo, como é possível seu objeto não estar bem delimitado e claro como o dia?

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, email: luiz.krugerd@gmail.com

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, email: signates@ufg.br

Signates (2019), ao buscar o especificamente comunicacional nos estudos brasileiros, argumenta que o que falta ao campo é uma unidade na abordagem do objeto que a define. Martino e Marques (2015), paralelamente, apontam para a ausência de consensos a respeito de questões epistemológicas básicas na nossa área. Esse fato, não só desvela as eventuais dificuldades da condução do trabalho acadêmico, mas também sinaliza que há um esforço constante na construção de caminhos e definições, e esse movimento sugere uma redução futura nesse descompasso.

De certa forma, o que eles defendem é um olhar positivo sobre o próprio processo de definição do estatuto do campo epistemológico. Afeitos à linha chegada, temos a tendência de focar em resultados finalizados e bem delimitados, enquanto o caminho, por si só, pode também se configurar com uma experiência significativa.

Como parte intrínseca desse cenário em desenvolvimento, existem movimentos investigativos que por vezes se aproximam e por outras se distanciam do objeto comunicacional. É, conseqüentemente, também foco do percurso dos estudos epistemológicos a tentativa de categorizá-los e descrevê-los na intenção de auxiliar as pesquisas a manterem-se circunscritas ao âmbito comunicacional.

Parte dessa categorização foi percebida por Signates (2022) ao analisar a recente publicação de trabalhos e identificar na diversidade teórica que, ao mesmo tempo que se estabeleceu e contribuiu sobremaneira para o avanço interpretativo no campo da comunicação, também trouxe novos problemas, que serão detalhados a seguir.

VÍCIOS EPISTEMOLÓGICOS EM PESQUISA DE COMUNICAÇÃO

Na busca pelo especificamente comunicacional, dois problemas mais frequentemente observados nos trabalhos publicados e advindos especialmente da diversidade teórica que se estabeleceu desde o desenvolvimento da internet e seus desdobramentos para o nosso campo são a dispersão e a exogenia.

Entende-se como dispersão o abarcamento de uma variedade de objetos e objetivos assumidos pelo campo desprovida da necessária articulação desses elementos. Isso guarda relação com o que Gomes (2004) chamou de esgarçamento do conceito, em que tudo é comunicação, e “quando *tudo* é comunicação, *nada* é comunicação” (p. 18). Esse alargamento conceitual evidencia a fragilidade epistemológica do campo.

Para Signates (2022), a dispersão “constitui sintoma da falta de diálogos metateóricos entre as visadas comunicacionais teoricamente propostas pelo campo” (p. 4). Isso significa dizer que existe, ironicamente, um problema de comunicação entre as diferentes teorias que foram desenvolvidas historicamente ao redor do objeto em questão, o que dificulta a articulação dessa dialogicidade.

O outro vício é o da exogenia, que se apresenta como a apropriação de teorizações próprias de outros campos para explicar fenômenos comunicacionais. Dessa forma, a comunicação serve apenas tangencialmente ao objeto de estudo. São também quatro as hipóteses levantadas que podem nos levar à sua gênese: (1) interdisciplinarismo; (2) a secundarização da comunicação no delineamento do objeto; (3) o desvio metodológico posicional; e (4) a ausência de contribuição para as teorias da comunicação.

Isso não significa dizer que temos que abrir mão das contribuições de outros campos na busca pelo especificamente comunicacional. Lembremo-nos que dispersão não é diversidade, nem exogenia é interdisciplinaridade. É o objeto que condiciona as ciências e não o contrário. Consequentemente, a comunicação só chegará ao seu estatuto quando nós abrirmos mão da pretensão de sermos exclusivos e daquilo que Gomes (2004) chama de “miopia conceitual” para colaborar com outras áreas da ciência.

EVITANDO A DISPERSÃO E A EXOGENIA

Uma vez devidamente delimitados, é possível, portanto, pensar em maneiras de evitar esses problemas. De maneira sintética, a exogenia pode ser eliminada através da delimitação precisa de um objeto de pesquisa. A dispersão, por sua vez, pode ser combatida por uma teorização aberta e instigadora de novas perguntas.

Braga (2011) busca encontrar o especificamente comunicacional nas interações sociais e prefere a ideia de conversação da sociedade, que, para ele, sintetiza bem o nosso objeto.

Uma maneira (intuitiva e não “definidora”) de referir-se à interação comunicacional é considerar que se trata aí dos processos simbólicos e práticos que, organizando trocas entre os seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que se veem engajados (por exemplo, de área política, educacional, econômica, criativa ou estética) e toda e qualquer atuação que solicita coparticipação. [...] Esta perspectiva pode ser efetivamente útil para dar foco ao objeto de nossa preocupação e especificidade com relação às demais disciplinas humanas e sociais (p.66-67).

Nesse contexto, os estudos sobre os processos midiáticos, – embora de maneira não limitante ou excludente – ganham centralidade ao conseguir delimitar de maneira razoável o objeto comunicacional por pelos menos três razões: I) a viabilização da percepção histórica do comunicacional pela presença dos meios audiovisuais; II) a importância dos meios de comunicação na produção e compartilhamento de sentidos; e III) a interferência e interação do espaço midiático no espaço não-midiático.

Na sociedade em midiatização, a interação se manifesta mais claramente como um fluxo sempre adiante. Com a emissão de uma mensagem, seja televisual, cinematográfica ou por processos informatizados em rede social, o “receptor”, após apropriação de seu sentido (o que implica a incidência das mediações acionadas), pode sempre repor no espaço social suas interpretações. Isso ocorrerá seja em presencialidade (em conversações, justamente), seja por outras inserções midiatizadas – cartas, redes sociais, vídeos, novas produções empresariais, blogs, observatórios, etc. Os circuitos aí acionados – muito mais abrangentes, difusos, diferidos e complexos – é que constituem o espaço das respostas “adiante” na interação social (p. 68)

Gomes (2004), de maneira similar, propõe deixar clara a visão da complexidade do processo midiático e deslocar o lugar social e epistemológico da abordagem das análises. Para ele, essa complexidade é impositiva do campo e os processos midiáticos demonstram-se transdisciplinares por natureza. Assim, é necessário um trabalho conjunto para desnudar aquilo que se pretende estudar.

As diversas ciências necessitam realizar uma empreitada comum para compreendê-lo na sua complexidade. Cada uma delas, com suas especificidades e seu método, aproxima-se dos processos midiáticos para decifrá-los. Todavia, nenhuma delas, isoladamente possui abrangência suficiente para dar conta deles. Pelo contrário, é o objeto que a elas se apresenta, exigindo-lhes que se deixam tocar pela sua complexidade e, conjuntamente, elaborem o método comum que lhes permitirá o acesso ao fenômeno. (p. 30).

Outra saída possível seria um projeto metateórico que contemple as condições de centralidade comunicacional do objeto de pesquisa e o estabelecimento de conceitos que possam delimitar as possibilidades (Signates, 2022).

Um arranjo metateórico, portanto, enlaça epistemologia e teoria em uma mesma articulação autorreflexiva, na qual deixa de ser possível fazer teoria sem assumir uma posição epistemológica especificamente comunicacional, eliminando de vez a possibilidade de exogenia, e, de modo correlato, deixa de ser necessário fazer epistemologia ou filosofia da ciência da comunicação sem apontar operadores teóricos úteis ou evitando as repercussões metodológicas. (p. 16)

Dentre as hipóteses apresentadas, a exogenia de caráter de desvio metodológico comunicacional parece ser o canto da sereia para os pesquisadores do nosso campo. É muito comum tomar como comunicacional um objeto de pesquisa apenas porque ele envolve, ainda que tangencialmente, o que tradicionalmente se considera como meio de comunicação. É fácil incorrer nesse desvio, uma vez que a comunicação está ali, envolve o objeto, mas falha em obter centralidade no estudo e justamente por ser esse tipo de exogenia o mais tentador, deve ele também estar especialmente sujeito ao nosso maior cuidado enquanto pesquisadores.

Uma maneira de evitar a exogenia do tipo desvio metodológico posicional é inserir na questão-problema uma noção precisa do comunicar. A constituição do problema de pesquisa é parte essencial do processo de investigação e elaborá-lo e expressá-lo é um desafio tão grande quanto as consequências de fazê-lo de maneira adequada. É importante salientar que se trata de um processo e não de um fim. E esse norte deve nos orientar ao longo de toda a pesquisa.

Construir um problema de pesquisa não corresponde simplesmente a descobrir a questão e a escrever. É um processo de elaboração que se pode desenvolver em várias fases diferentes da própria pesquisa – evoluindo à medida que estudamos autores, fazemos pré-observações e pensamos metodologicamente sobre como abordar nosso objeto (Braga, 2005, p. 291).

Assim, entendendo que a elaboração de uma boa pergunta-problema – que contenha em si o especificamente comunicacional – é indispensável no sentido de evitar a exogenia do tipo desvio metodológico posicional, e que essa constituição é um processo que evolui, sofre alterações e adaptações, buscar adequações para ela é um movimento não só necessário, mas desejável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos tornar evidente ao longo do artigo que a comunicação é um campo vasto e em constante evolução permeado por uma série de problemáticas que refletem sua condição enquanto ciência em construção. A complexidade desse campo é evidenciada pela diversidade de abordagens teóricas e pela falta de consenso quanto à definição precisa de seu objeto de estudo.

É preciso, portanto, um esforço consciente daqueles que, ao mesmo tempo que compõem, constroem o campo da comunicação, de estarem atentos a eventuais desvios

que possam nos afastar do nosso objeto específico de estudo. Evitar incorrer em exogenia e a dispersão é um movimento que contribui para estatuto do campo

A construção do campo epistemológico da comunicação deve estar sujeita a uma perspectiva que a encare processualmente e não como produto finalizado o qual o pesquisador deve desnudar. De qualquer forma, a saída é metateórica.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Contracampo: 40 anos de understanding**, Rio de Janeiro, n. 10/11, p. 219-236, 2004.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano X, n. 3, p. 288-296, 2005.

BRAGA, José Luiz. Nem rara nem ausente – tentativa. **Compós 2010 – GT Epistemologia e Comunicação**. Rio de Janeiro – RJ: PUC-RJ, 2010.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011.

BRAGA, José Luiz. Do que não conhecemos os problemas não saberemos as respostas. In: SIGNATES, Luiz (orgs.). **Epistemologia da Comunicação: reflexões metateóricas sobre o especificamente comunicacional**. Goiânia: Cegraf, 2021, p. 17-33.

GOMES, Pedro Gilberto. **Tópicos de Teoria da Comunicação: processos midiáticos em debate**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MARTINO, Luís Mauro Sá. MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Um olhar múltiplo sobre as teorias da comunicação. In: **Teorias da comunicação: processos limites e desafios**. São Paulo: Plêiade, 2015.

PAVAN, Ricardo. **Tradições e contemporaneidade na midiática das identidades culturais: as configurações radiofônicas do Top Show e os sentidos produzidos por ouvintes no extremo oeste de Santa Catarina**. 2011. 301f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

SIGNATES, Luiz. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação na atualidade. In: BRAGA, José Luiz; et al. **10 perguntas para produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2019.

SIGNATES, Luiz. A comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate. In: **Epistemologia da Comunicação: reflexões metateóricas sobre o especificamente comunicacional**. Goiânia: Cegraf, 2021, p. 17-33.

SIGNATES, Luiz. Por uma metateoria das tensões comunicacionais: fundamentos para um objeto metateórico da comunicação. **Compós 2022 – GT Epistemologia e Comunicação**. São Luiz – MA: UFMA, 2022.